

## SEGUNDO DOCUMENTO DE FUNDAÇÃO

18 de Outubro de 1939

### SEGUNDO DOCUMENTO DE FUNDAÇÃO

18 de Outubro de 1939

Parte I

Parte II

Parte III

1. Nesta mesma hora em que nos retiramos do bulício do dia e da agitação e nervosismo do tempo para uma celebração silenciosa, estamos espiritualmente unidos a toda a Família no nosso pequeno Santuário. Sacerdotes, religiosos e leigos, adultos, jovens e crianças, mulheres e homens, raparigas e rapazes formam um círculo colorido em torno da imagem da nossa Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt. Reuniram-se aqui, vindos do país e do estrangeiro, do aquém e do além. Com o coração agradecido, cálido amor e ardente esperança, todos procuram o seu lugarzinho predilecto. Nós estamos no meio deles.

2. Os nossos pensamentos e os nossos sentimentos voam para o passado. Em nós despertam recordações antigas de acontecimentos e experiências plenos de graças. Quanto gostaríamos que eles nos mostrassem as futuras tarefas da nossa Família! Todos sentimos que nos encontramos perante uma grande catástrofe mundial e uma viragem histórica. E muitas e muitas vezes surge em nós a pergunta: É este o tempo para o qual a Providência Divina construiu a arca da nossa Família? Ou o dilúvio terá que se tornar ainda maior e mais devastador? No nosso interior encontram-se passado, presente e futuro: gratidão ardente, anseio silencioso e alegre expectativa.

3. E quanto mais profundamente penetrarmos neste mundo, em sagrado recolhimento e serena concentração, tanto mais explicitamente tudo à nossa volta nos começa a falar, a interpelar e a anunciar ... A imagem e o altar, os bancos, as janelas e as pedras, a placa e o monumento comemorativos, a tumba dos heróis, a Praça dos Peregrinos, a antiga e a nova Casa da Aliança, a casa de formação e a Wasserburg: tudo nos fala das grandes coisas que a graça de Deus e a onipotência suplicante de Nossa Senhora operaram em 25 anos, a partir daqui, na Família em geral, em nós próprios e em vastíssimos círculos.

4. Tudo, porém, nos incita a esperar, também para os tempos vindouros, ainda maiores misericórdias divinas, desde que saibamos ser testemunhas, intérpretes e imitadores da sabedoria divina na história do mundo.

#### **Parte I**

5. Um olhar atento aos 25 anos passados, faz-nos repetir, do mais íntimo do nosso coração, as palavras do salmista: «Louvarei eternamente as misericórdias do Senhor!» O que de grande e valioso nos foi dado receber neste lugar sagrado, durante este período de tempo, está directamente ligado à Mãe, Senhora e Rainha de Schoenstatt. Ela é o dom por excelência que a sabedoria, a bondade e a onipotência de Deus, no dia 18 de Outubro de 1914, concederam de maneira especial à nossa Família e, através dela, de novo ao mundo.

6. O que se fez a partir daqui é obra d' Ela.

7. Foi Ela, pela sua intercessão, a inflamar nas nossas fileiras uma vida de santidade e uma aspiração à santidade heróicas.

8. A Ela devemos uma sensibilidade delicada para a pureza e para a intangibilidade, o sentido para o desenvolvimento de uma paternidade ou maternidade nobre e criadora e o impulso para um amor ardente a Deus e às almas.

9. Foi Ela a dar-nos o edifício monumental do nosso sistema ascético e pedagógico, que se adapta maravilhosamente à maneira de ser desejada por Deus do indivíduo e da comunidade. Foi Ela a fazer-nos encontrar o ideal pessoal e o ideal comunitário.
10. Foi Ela que criou todos os ramos da nossa Família de uma maneira adequada às necessidades do momento e que implorou e conservou para todos eles boas e numerosas vocações.
11. Ela esteve atenta a que nós, apesar dos constantes fracassos, tivéssemos continuamente a coragem de nos voltarmos sempre de novo para as estrelas.
12. Todas as casas que pudemos construir ou adquirir no país e no estrangeiro são propriedade sua.
13. Ela cuidou que encarássemos todas as dificuldades da época como tarefas da época e as enfrentássemos corajosamente.
14. Ela abriu os nossos olhos para a grande lei da edificação da nossa Família, segundo a qual, como filhos da guerra, só podemos crescer e desenvolver-nos na luta e no combate, nas provas e na perseguição.
15. A Ela devemos a grande graça de que todos os pedregulhos que nos deviam destruir, se tenham transformado numa escada poderosa, que nos conduziu com segurança para o alto, para Deus e para o mundo da nossa missão e tarefa.
16. Sem Ela não teríamos conservado o justo equilíbrio e a clareza de visão frente aos violentos contrastes no campo católico e não teríamos podido continuar com serenidade e segurança o nosso caminho.
17. Foi Ela que nos educou e formou, como Família e individualmente, até nos termos tornado o que somos e que nos conquistou e garantiu assim o lugar que hoje podemos ocupar na Igreja.
18. Realizou-se assim em nós a palavra de Vicente Pallotti: «Ela é a Grande Missionária! Ela operou milagres!» Sim, Ela provou ser Mãe e Senhora Três Vezes Admirável de Schoenstatt: admiravelmente poderosa, admiravelmente bondosa e admiravelmente fiel; como Mãe de Deus, Mãe do Redentor e Mãe dos remidos. O que o Documento de Fundação esperava e pedia, tornou-se literalmente realidade: Nossa Senhora estabeleceu aqui de maneira especial o seu trono de graças e, a partir daqui, manifestou de muitas maneiras ao mundo as suas glórias. Ela tornou-se nossa Mãe e Rainha por direito de conquista.
19. O poder irresistível do seu amor, da sua bondade e dos seus cuidados tornou fácil para nós elevá-la continuamente, por livre escolha e de livre vontade, ao trono da nossa Família e do nosso coração. Ela reina e governa, pois, no mundo de Schoenstatt, com soberana liberdade e generosidade, não só por direito de conquista, mas também por direito de eleição.
20. A Família realizou pela primeira vez esta eleição livre através do Documento de Fundação. Não considerou um risco realizar este acto, porque acreditava ter sido escolhida especialmente para tal por Nossa Senhora, segundo os planos da Providência Divina. A Família escolheu de maneira singular Nossa Senhora como sua Mãe, Rainha e Intercessora. E a Mãe Celestial de Nosso Senhor fez da nossa pequena Família a sua criação predilecta e a sua ocupação predilecta. Neste sentido, o Documento de Fundação representa um acto livre e recíproco de escolha e de entrega.
21. Cada consagração, feita individualmente ou em comunidade, no decorrer destes 25 anos, pode ser considerada como uma inserção no Documento de Fundação e portanto como uma renovação deste acto recíproco de livre escolha e entrega.
22. É, portanto, compreensível que nos tivéssemos habituado a interpretar a consagração à Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt como uma declaração, feita por livre escolha e de livre vontade, do carácter perene da nossa relação de filhos e vassallos para com Ela, mas ao mesmo tempo também como uma declaração, feita por livre escolha e de livre vontade, do carácter perene da sua relação de Mãe e Rainha para connosco.
23. Só Deus sabe quantas consagrações destas foram feitas desde 1914. Só Ele sabe, também, quanta intimidade e calidez se ligava a cada uma delas.
24. Podemos considerar um dom especial da graça o facto de, no dia do jubileu, a Família na sua totalidade ter atingido uma tal maturidade e a sua vida ter sido tão profundamente penetrada pelo espírito da consagração e do contrato de fundação, ao ponto de se declarar disposta a oferecer à Mãe Três Vezes

Admirável de Schoenstatt, para a sua obra, não só todas as faculdades espirituais e físicas, não só todos os bens espirituais e materiais, mas também, inteiramente e para sempre, a própria vida. Faz-nos felizes e como que nos dá asas a consciência de que todos os que neste momento se unem a nós no nosso pequeno Santuário deram à Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt carta branca total sobre as suas vidas.

25. É a mesma graça que, em tempos, fez Max Brunner bradar com entusiasmo juvenil: Ave, Imperatrix, morituri te salutant! – Salve, ó Rainha, os que estão prontos a morrer por ti, saúdam-te! – Sabemos como Nossa Senhora levou a sério esta oferta.

26. Mas também estamos conscientes de, com esta disponibilidade, não termos ainda atingido o último grau da nossa entrega. Como em todas as coisas, também aqui José Engling é para nós modelo e padroeiro. Conhecemos a sua consagração. Diz o seguinte:

27. «Querida Mãezinha, Mater Ter Admirabilis, a ti me entrego de novo como vítima. A ti consagro tudo o que sou e tenho, o meu corpo e a minha alma com todas as suas faculdades, tudo o que tenho e possuo, a minha liberdade e a minha vontade. Quero pertencer inteiramente a ti. Sou teu. Dispõe de mim e do que é meu inteiramente como te agradar. Mas se for compatível com os teus planos, permite que eu seja uma vítima para as tarefas que confiaste à nossa (Família). Humildemente, o teu servo indigno José Engling» (3.6.18).

28. Será necessário chamar especificamente a atenção para o facto de a pequena frase «mas, se for compatível com os teus planos, permite que seja uma vítima para as tarefas que confiaste à nossa Família» conter mais do que o que actualmente toda a Família quer ver contido na Carta Branca e no acto de entrega da vida?

29. Com este acto de Carta Branca repetimos, à nossa maneira, o «Fiat» e o «Ecce Ancilla Domini» que Nossa Senhora proferiu na hora da Anunciação. Através dele, Ela declarou-se inteiramente disposta a aceitar cegamente tudo o que a sua maternidade implicava em golpes do destino permitidos e desejados por Deus. Nunca retirou a sua Carta Branca: quer o desejo de Deus a fizesse fugir de assassinos encarregados de matar o seu Filho e a privasse da pátria, quer a fizesse percorrer caminhos de fugitiva através do deserto e a levasse para um país estranho com costumes estranhos, maneiras de ver estranhas e uma religião estranha, quer a encerrassem na solidão de Nazaré ou a fizesse acompanhar o Redentor do mundo pelos seus caminhos de Redentor ou a colocasse aos pés da cruz, junto do Deus-Homem moribundo. Stetit! Ela foi sempre fiel à sua Carta Branca. Também aos pés da cruz, quando o seu coração de Mãe parecia ser trespassado por uma espada. A sua vida foi plenamente dedicada ao serviço d'Aquele que A tinha escolhido por Mãe, Esposa e Colaboradora. Por isso, na sua vida, os interesses pessoais passaram todos para segundo plano. Ela só conhece um único objectivo: o Redentor do mundo e a sua obra. – Não é algo de grande e uma imensa graça ser elevado pela bondade insondável de Deus através da Carta Branca a um nível espiritual e a uma tarefa de vida semelhantes?

30. Herói é quem consagra a sua vida a algo de grande! Como Família total, oferecemos a Nossa Senhora este dom precioso para os planos da redenção do mundo. Não se pode imaginar uma tarefa maior do que a redenção do mundo!

31. A bondade e a sabedoria de Deus concederam-nos o magnífico presente da vontade livre. Ele quer que lhe restituamos essa vontade, por livre escolha e voluntariamente. Quer que lhe restituamos sem reservas e com todas as suas ramificações. Quem dá a sua Carta Branca com espírito de autenticidade, adere de maneira perfeita ao apelo, aos desejos e à vontade do Deus Eterno. Não quer guardar nada para si da sua vontade soberanamente livre. Quer configurar e suportar a sua vida futura na total submissão e identificação com a vontade de Deus.

32. Esta entrega irrestrita à Providência Divina e à Sabedoria Eterna é tão rara porque não têm conta hoje as pessoas que se negam a entregar a sua vontade ao Criador e Pai do Universo e, de entre as muitas outras que O querem servir, só poucas estão dispostas a renunciar por inteiro à sua vontade própria doentia.

33. Só muito poucos conseguem rezar, do mais íntimo da sua alma, com Jesus no Pai Nosso: Seja feita a Vossa vontade assim na terra como no céu.

34. Só a muito poucos é dado repetir em todas as circunstâncias da vida: É vontade de Deus, por isso, silêncio! – Nada acontece por acaso, tudo vem da bondade de Deus! – Deus é Pai, Deus é bom, bom é tudo o que Ele faz!

35. Só muito poucos são capazes de rezar com Nicolaus von der Flüe: Meu Senhor e meu Deus, tira-me tudo o que me separa de ti! Meu Senhor e meu Deus, dá-me tudo o que me impele para ti! Meu Senhor e meu Deus, tira-me o meu próprio eu e faz-me total posse tua.

36. Inclinao-nos, com profundo respeito e gratidão, diante da misericórdia e bondade de Deus, que nos chamou a fazer parte destes tão poucos predilectos do seu coração e da sua sabedoria. Este é um dom que também devemos à nossa querida Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt.

37. Mas se Deus agora levar realmente a sério a nossa oferta? Então lembrar-nos-emos de que a Carta Branca já está contida no Documento de Fundação e na nossa consagração e de que ambos constituem um acto recíproco de entrega e escolha. Tendo-nos nós colocado, a nós e à nossa vida, inteiramente ao dispor de Nossa Senhora, Ela também se dá por inteiro a nós: o seu braço poderoso, o braço da Omnipotência Suplicante, o Filho nos braços, a língua de fogo sobre a cabeça, o ave nos ouvidos, o magnificat nos lábios e as sete espadas no coração. Portanto não estamos sozinhos. Com toda a alma podemos rezar e cantar: no rugir da tempestade, no bramar do vento, nos estalidos dos relâmpagos – penso como o filho do barqueiro: O Pai e a Mãe estão ao leme! A palavra mágica que durante a guerra mundial de 1914/18 «operou milagres» e que nos tem acompanhado sempre adquiere, a partir de agora, uma ressonância mais profunda e um conteúdo mais pleno. É a palavra: Mater habebit curam! A grande esperança que o Bispo de Trier manifestou por ocasião da inauguração da Casa da Aliança tem que se realizar e realizar-se-á. Ele disse:

38. «Termino com o pensamento que me veio quando estava ajoelhado na Capela de Graças. Considero um presságio realmente desejado por Deus o facto de a inauguração desta casa se realizar na solenidade da Assunção de Nossa Senhora aos Céus, a maior festa mariana do ano litúrgico. E quando lá li as palavras que estão escritas sobre a imagem: Servus Mariae nunquam peribit! – Um servo de Maria jamais perecerá! – pensei: Também o Movimento Apostólico que parte daqui não perecerá. Nossa Senhora vai abençoar o seu trabalho!»

39. Em espírito, queremos então cerrar as fileiras e repetimos, com profunda humildade, do mais íntimo do nosso coração e com vigorosa disponibilidade duas palavras que adquiriram uma importância histórica. Uma é a seguinte: A nossa vida pela nossa Rainha! E a outra é: Morramos pela nossa Rainha!

40. A primeira palavra leva-nos ao passado longínquo de Castela. Havia dez anos que a Rainha Isabel conduzia uma luta ferrenha contra os mouros. Só muito lentamente conseguia fazer recuar os inveterados inimigos dos cristãos. Enfim ficaram entrincheirados numa fortaleza. Não conseguiam aceitar a derrota sob o governo de uma mulher. Um deles ousou cobrir Isabel de escárnios e troça em público. Facto este que enfureceu os nobres cavaleiros e vassallos da Rainha e reacendeu ao rubro a sua coragem, de tal maneira que se lançaram na batalha bradando: A nossa vida pela nossa rainha! E conseguiram em pouco tempo ocupar a fortaleza. O nosso lema futuro também deve ser este: A nossa vida pela nossa Rainha!

41. A rainha Maria Teresa encontrava-se, uma vez mais, cercada por poderosos inimigos. Dirigiu-se, então, para a capital da Hungria para entusiasmar os nobres e os líderes do povo pela guerra. Ao seu pedido de ajuda respondeu um coro de muitas vozes: Moriamur pro regina nostra! Morramos pela nossa rainha! Também nós estamos dispostos a sofrer cruz e dor, sim, se necessário também a morte pela nossa Rainha.

42. E como prova e expressão desta atitude e como memorial perene de gratidão por tudo o que a nossa Mãe e Rainha operou até agora em Schoenstatt, no dia 18 de Outubro, as nossas Irmãs oferecem uma coroa à nossa Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt em nome de toda a Família.

## Parte II

43. Entramos, assim, numa época que pode ser considerada como a fase final de uma evolução de 400 anos: uma falange cerrada no mesmo espírito, munida de um forte armamento e disponibilidade espiritual, cheia de esperança e de expectativa de poder ajudar Nossa Senhora a realizar, neste tempo de descalabro, a grande palavra da sombra do Santuário.

44. Consideramos, com razão, a Carta Branca, conferida oficialmente, em comunidade, como uma renovação recíproca do contrato de fundação.

45. Nada mudou das ideias, opiniões e objectivos de 1914. Nada, mas absolutamente nada, foi abolido ao longo destes 25 anos. Tudo o que se desenvolveu na Família durante este tempo pode ser reconduzido, até nos mínimos detalhes, ao Documento de Fundação.

46. E no entanto há uma grande diferença entre aquele tempo e o de hoje. Todas as assim chamadas «ideias peculiares» contidas no contrato de fundação, que se tornou a fonte do nosso «mistério de Schoenstatt», passaram a prova de fogo numa luta árdua a nível da teoria e da prática. Por isso, a nossa atitude hoje é muito mais profunda, a nossa entrega e a nossa disponibilidade mais vigorosas e mais plenas, a nossa fé e a nossa confiança mais fortes e maiores, mais claro o nosso conhecimento sobre o conteúdo e o alcance do contrato e da tarefa da Família. Em 1914 reuniu-se uma mão cheia de jovens imaturos; hoje, o altar está rodeado por homens e mulheres que a vida fez crescer e amadurecer, entre eles também aqueles que ofereceram a sua vida em sacrifício pela Obra de Schoenstatt e que agora continuam a realizar, não só pelo seu exemplo, mas também através da sua intercessão na eternidade, a sua amada tarefa de vida.

47. Não foi em vão que a sabedoria e a bondade de Deus provocou esta mudança de situação.

48. Com o número e a atitude de então, não estaríamos à altura da tarefa actual. A época que se avizinha a uma velocidade vertiginosa é demasiado turbulenta, demasiado tremenda, brutal e hostil a Deus; demasiado grande é o estado geral de miséria, de impotência e desorientação e demasiado difíceis e perigosas as ocasiões para a configuração do mundo com Cristo.

### Parte III

49. O que esperará a Providência, no futuro mais próximo, da Família assim preparada? Como é nosso hábito, podemos deixar que seja Deus a dar-nos a resposta através das circunstâncias actuais. Mas há outro caminho mais fácil de percorrer que conduz ao mesmo fim: Perguntamos quais são as ideias e instituições de Schoenstatt até agora mais fortemente discutidas no sector católico. Ao fazê-lo, partimos da ideia que Deus permitiu estes ataques para nos chamar a atenção para as coisas que deseja ver-nos acentuar e aplicar de maneira especial. Quem cresceu com a Família, sabe que a luta se desencadeou sobretudo em torno das «ideias peculiares», isto é, em torno da ideia de missão e de instrumento, do contrato bilateral e da vinculação local no que se refere ao Capital de Graças da Mater Ter Admirabilis de Schoenstatt.

50. Para a nossa Família, na sua situação actual, deriva um triplice imperativo:

- Cultiva com grande zelo a consciência de missão divina e de instrumento divino!
- Mantém inabalavelmente o teu pronunciado carácter mariano!
- Põe de novo em primeiro plano as contribuições para o Capital de Graças da Mater Ter Admirabilis!

51. Foram estes mesmos três pilares que sustentaram a vida de santidade de José Engling e com os quais também nós nos sintonizámos e nos comprometemos mais uma vez através da Carta Branca.

52. Cultiva com grande zelo a consciência de missão divina e de instrumento divino!

53. Quem conhece mais de perto a ordem da salvação e a situação da nossa época sabe como é necessário acentuar uma consciência sobrenatural de missão e de instrumento.

54. Foi desde sempre uma lei evidente que só às pessoas e comunidades que receberam de Deus uma vocação e uma missão explícitas é dado intervir mais profundamente no Reino de Deus. São prova deste facto não só os profetas e sacerdotes do Antigo Testamento, mas também Jesus, os apóstolos, a posição da Igreja e o sentido da fé do povo cristão.

55. Jesus retira-se para rezar e depois envia quem Ele quer. É importante para Ele inculcar nos seus: Não fostes vós que me escolhestes, fui eu que vos escolhi a vós! E na oração sacerdotal declara ao Pai do Céu que protegeu do mundo os seus, que Ele lhe tinha confiado.

56. Os apóstolos, e à sua frente o Apóstolo das gentes, acentuam o facto de serem enviados de Deus e de Cristo.

57. Na teoria e na prática, a Igreja segue a norma de que ninguém pode ser escolhido e enviado sem ter sido chamado como Aarão.

58. E o sentido da fé do povo católico reserva a expressão vocação e missão por excelência para pessoas e comunidades portadoras desta missão marcadamente divina.

59. As circunstâncias actuais recordam-nos uma lei que Donoso Cortez deduziu da história universal e da Igreja. Segundo ela, há épocas em que a Igreja é marginalizada a todos os níveis. Mesmo com o empenho de todas as suas forças não consegue levantar-se para sair das catacumbas. Só quando constata

profundamente e reconhece vivamente a limitação do elemento humano que a integra, o Deus Eterno aparece de repente nas ameias do templo dos tempos, faz soar a trombeta e cair as muralhas de Jericó. Quem, em tempos assim, não estiver precavido com a convicção inabalável de ter recebido de Deus uma missão específica, portanto, de ser portador de forças divinas, está condenado de antemão à infertilidade, à imobilidade, à inação e ao fracasso. Só quem estiver provido de uma confiança inabalável nestas forças e missões divinas pode aventurar-se no vasto e agitado mar da vida.

60. Hoje surpreende-nos o facto de a nossa jovem geração fundadora, há 25 anos, ter sido movida por uma consciência de missão e de instrumento tão profunda. Perguntamos, com razão, quais foram os motivos que os levaram a tal. Sabemos quais são. Muitos de nós dificilmente os teriam entendido. Mais fácil de compreender é a prova que, a partir de 1919, confirma esta missão divina, depois de cinco anos de existência e de fertilidade, no fim da primeira guerra mundial. Ouvimo-la e repetimo-la vezes sem conta. Está centrada em torno das palavras que conhecemos: pequenez do instrumento, grandeza das dificuldades e grandeza do êxito. O que conseguimos conquistar e alcançar desde 1919 até hoje fortalece em todos os sentidos, de maneira extraordinariamente profunda, a série de provas e, portanto, a nossa fé na missão e consciência de instrumento. Por isso temos motivos para agradecer de coração a todos os que a Providência Divina utilizou para nos causarem dificuldades. Sem eles, hoje, quando tantas coisas se desmoronam e o desânimo paralisa amplos círculos, não estaríamos tão firmemente confirmados na alegria e vitoriosidade da nossa fé, esperança e caridade.

61. Agora é tarefa nossa aprofundar esta fé na missão através da oração e do estudo da história da Família e da história contemporânea.

62. Quanto mais e melhor o fizermos, maiores e mais abundantes frutos colheremos: cresce a consciência da dependência interior em relação ao Deus vivo. Cresce a desconfiança em relação às próprias forças e aos meios puramente humanos. O abrigo, o acolhimento, a serenidade e a segurança em Deus dão-nos maior certeza na nossa posição e nas nossas opções. E a confiança na vitória das forças divinas na Família e através da Família torna-se invencível, de tal maneira que podemos dizer com a mais profunda convicção: Se Deus está connosco, quem poderá estar contra nós! Tudo posso naquele que me conforta! E experimentamos a verdade da palavra de Santo Agostinho: Quem se apega à face do Todo-Poderoso, não teme o rosto dos poderosos deste mundo! E se Deus exigir a nossa vida e a dissolução temporária da Família, vemos nisso a ocasião mais perfeita para provar a nossa fé no carácter divino da Família. Tornar-nos-emos então semelhantes a Jesus que institui a grande lei de edificação do Reino de Deus pela sua palavra e pelo seu exemplo: Quando eu estiver elevado na cruz, atrairei todos a mim ... A semente, primeiro, tem que cair na terra e ser enterrada e depois dará muito fruto.

63. Quem está profundamente compenetrado e consciente da Carta Branca que fez, vive com toda a sua alma desta fé na missão divina e desta consciência de instrumento. Não faria sentido consagrar todas as faculdades do corpo e da alma, todos os bens terrenos e espirituais, sim, toda a sua vida a uma obra que não promete nenhuma vantagem material, se por trás não estivesse a força poderosa desta fé. Para a aprofundarmos seria bom analisar em detalhe a vida de José Engling e expor-nos à sua influência. A sua vida e o seu actuar seriam incompreensíveis sem este elemento divino.

64. Mantém inabalavelmente o teu pronunciado carácter mariano!

65. O pronunciado carácter mariano da nossa Família é fruto da sua história. Corresponde à lei divina do governo do mundo, da ordem do mundo e do aperfeiçoamento do mundo, assim como ao facto de a nossa natureza humana ser dotada de faculdades sensoriais.

66. Na sua sabedoria e no seu respeito pelas suas criaturas, Deus governa o mundo através de causas segundas. Compraz-se em atribuir as suas qualidades, os seus direitos e os seus plenos poderes a coisas e a pessoas e quer que lhe dediquemos através delas o amor e o apego que lhe devemos a Ele. Vai assim surgindo um grande organismo de vinculações. O Deus de bondade criou em Nossa Senhora um ser, ao qual concedeu uma participação abundante nas suas qualidades. Quer e deseja, por isso, que a utilizemos como um vínculo sagrado, ao qual nos apegamos intimamente para, com Ela, sermos elevados até ao seu próprio coração divino.

67. Uma vez que a nossa natureza não é só espiritual, mas também dotada de faculdades sensoriais, a sua fome de eternidade também se manifesta através de um forte anseio de encontrar transparentes de Deus. O Onipotente, Omnisciente, Deus de Bondade, responde de muitas maneiras a esta necessidade. Enviou-nos o seu Filho Unigénito. N'Ele reconhecemos o rosto do Pai do Céu, voltado para nós. Deu-nos o coro dos santos. Também eles têm, a seu modo, a mesma tarefa. A figura de Nossa Senhora situa-se no mesmo plano. Uma vez que Deus a criou «como que num êxtase», Ela representa, de maneira quase perfeita, um

espelho das perfeições divinas. Quem a contempla e se entrega a Ela, é conduzido de maneira extraordinariamente profunda à proximidade de Deus, reconhece com temor a sua grandeza e sente-se, singela mas eficazmente, elevado até ao seu coração. Ela traz-nos Cristo e Deus como sua portadora e serva oficial. Quem a encontra, encontra a vida e a salvação do Senhor!

68. A história da nossa Família revela de uma maneira extraordinária esta posição objectiva de Nossa Senhora no plano da Salvação. A «bendita entre as mulheres» está na sua origem e constitui o seu fim imediato. Mas, ao mesmo tempo, também encarna de modo evidente o seu método de trabalho.

69. Tudo o que se realizou na Família, realizou-se na dependência da sua intercessão e do seu exemplo. Por isso, gostamos de a chamar Nossa Fundadora, Nossa Senhora, Nossa Rainha. E toda a nossa aspiração e os nossos pensamentos estão orientados para a dependência interior em relação a Ela.

70. A nossa Carta Branca quer elevar esta relação de dependência e apego a um alto nível e conferir-lhe perenidade. Orienta-nos aqui a grande lei que Santo Isidoro formulou com as palavras: «Ut sim servus filii, appeto servitatem Genetricis». – Para conquistar um íntimo amor a Jesus, aspiro a uma vinculação profunda à sua Mãe. – Pio X deu a esta lei a fórmula clássica: ninguém tem «maior poder para unir as pessoas a Cristo do que esta Virgem». Segundo a palavra de Cristo, «a vida eterna é que te conheçam a ti, Deus único e verdadeiro e Àquele que Tu enviaste,» Jesus Cristo. Assim como por Maria chegamos ao conhecimento vital de Cristo, com maior facilidade conquistaremos, através dela, aquela vida, cuja fonte e início é Cristo. E em outra ocasião afirma: «Quem não reconheceria que não existe meio mais seguro e mais fácil que a veneração a Maria para unir todos a Cristo e para alcançar através dele a filiação perfeita, a fim de nos tornarmos bem-aventurados e imaculados diante de Deus?» (Encíclica Jubilar Ad diem illum, 2 de Fevereiro de 1904).

71. A vida interior de José Engling prova a clarividência e a veracidade das ideias do Papa eucarístico. José Engling dizia-se e vivia como Mancipatus Mariae e alcançou, justamente por isso, um profundo amor a Cristo. Os 25 anos da história passada da nossa Família dão também o mesmo testemunho. A Família esteve sempre receptiva e aberta para o divino, conseguiu esforçadamente alcançar uma grande intimidade com Cristo e um amor filial a Deus Pai, por se ter vinculado tão profunda e organicamente a Nossa Senhora. E se manteve sempre um justo equilíbrio e uma vigorosa profundidade na sua atitude litúrgica, também o deve à sua vinculação e atitude marianas.

72. É bom recordarmos estes grandes contextos. Se, já no passado, o amor a Maria nos trouxe tão grandes coisas, quanto não poderemos esperar depois de toda a Família se ter unido, através da Carta Branca, nova e conscientemente, profundamente e para sempre nesta atitude.

73. Mas também não queremos contentar-nos com a nossa orientação permanente em Nossa Senhora como modelo e intercessora – segundo os planos de Deus, Ela pode e deve constituir também um fim imediato orgânico da nossa actividade apostólica.

74. Isto corresponde ao espírito do Documento de Fundação e a toda a história da nossa Família. Mais uma vez e como sempre, temos, também aqui, em José Engling um exemplo clássico.

75. Realiza-se assim o desejo de Jesus que veio a nós através da sua Mãe e assim nos indica o mesmo caminho para chegarmos até Ele e até ao Pai.

76. Satisfaz-se assim a necessidade do nosso próprio coração; porque daquilo que o coração está cheio, a boca transborda. E a pessoa gosta de transmitir o que experimentou e viveu.

77. Isto corresponde também à sensibilidade extraordinária do homem de hoje. Quando ainda tem uma atitude sobrenatural, possui também uma pronunciada receptividade para uma aprendizagem da religião através de exemplos concretos. Deus responde a esta necessidade mostrando à humanidade uma encarnação clássica das grandes ideias do cristianismo na figura de Nossa Senhora.

78. Isto corresponde à impotência e à desorientação da pastoral actual. Não têm conta os meios que há pouco tinham dado prova de validade para a penetração religiosa e moral das almas e que hoje se tornaram irrealizáveis ou fracassam. O apóstolo clarividente e voltado para o sobrenatural recorre e prefere recorrer tanto mais a Nossa Senhora, para A mostrar e dar ao povo como a grande agente de pastoral. Segundo as intenções de Deus, «Ela é a grande Missionária, Ela operará milagres». (S. Vicente Pallotti) Não, Ela realizou milagres! Onde outros meios fracassam, Ela opera, realmente, coisas grandes e maravilhosas. Ela é gratia plena. E Deus fez a alma humana tão profundamente receptiva para a sua influência, que seria necessário estar inteiramente sem vida o sentido religioso de um cristão para este se fechar de todo a Ela.

79. A Igreja considera um dado natural, verificado pela experiência, o facto de a sua influência na pastoral também ser extraordinariamente grande para superar os erros de cada época. Por isso, confessa e canta: «Omnes haereses tu sola interemisti in universo mundo!» Só tu venceste todas as heresias no mundo inteiro!

80. A Carta Branca inclui uma confissão renovada, alegre, unívoca e irreversível em favor deste apostolado da veneração a Maria. Entregamo-nos inteira e indivisamente à Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt e à sua Obra. Este facto tem de nos impulsionar e tem que inflamar, nos mais vastos círculos, não só o amor pela sua Obra, mas também o entusiasmo por Ela própria. Depende das circunstâncias a forma como se deve proceder concretamente. A maioria de entre nós tem uma experiência de anos na divulgação de um amor autêntico e esclarecido à Mater Ter Admirabilis. Por isso não precisa de orientações. Há apenas um ponto a mencionar de maneira especial. Está actualmente a tornar-se de certa maneira importante, reunirmo-nos e reunir os que nos estão confiados, com mais intensidade do que até agora, ao redor do altar da MTA na nossa própria casa ou numa capela da MTA na vizinhança, distribuir imagens e medalhas da MTA aos que estão em perigo, aos soldados e refugiados, aos pobres, aos que procuram ajuda, assim como levar directamente imagens e medalhas da MTA para os abrigos antiaéreos. O coração maternal de Maria garante uma protecção muito superior à de todos os outros espaços. De resto, vale a antiga lei: Quando agimos movidos pelo verdadeiro amor, não ficaremos facilmente embaraçados para encontrar meios e caminhos para conquistar sempre novos veneradores e servidores para a Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt.

81. Designamos, prudentemente, o nosso esforço em favor da divulgação da devoção a Maria como um fim imediato orgânico da tarefa da nossa Família. Queremos exprimir assim que consideramos e usamos a vinculação a Maria sempre e só como uma meta intermédia orgânica e não como objectivo final das nossas aspirações. Trata-se, para nós, de um meio extremamente valioso e comprovado para imprimir de novo no mundo o rosto de Cristo. Desde sempre foi este o nosso intento claramente definido. Durante a guerra mundial exprimimo-lo nas duas orações já conhecidas que, entretanto, se tornaram património comum de toda a Família. Dizem assim:

*82. Mãe Três Vezes Admirável,  
ensina-nos, como teus vassallos, a lutar,  
apesar do poder e do número dos inimigos,  
a divulgar o amor a ti,  
para que o mundo, por ti renovado,  
ofereça incenso ao teu Filho!*

*83. Mãe, desce com o teu Filho Divino  
às terras alemãs,  
para que estas, seguindo os vossos passos,  
encontrem a paz verdadeira e duradoura.  
Mãe e Filho, em amor unidos,  
Pátria, só assim serás remida!*

84. Se levarmos a sério o nosso serviço apostólico à MTA no espírito da Carta Branca e nos empenharmos com toda a alma pela sua divulgação, esperamos ser considerados dignos de ajudar a acelerar a vinda dos tempos em que a Igreja tenha razões para cantar: Omnes haereses – etiam antropologicas – tu sola interemisti in universo mundo! Tu venceste também as heresias antropológicas do tempo actual e fizeste surgir uma nova ordem social cristã. Que seja esta, ao mesmo tempo, também a nossa contribuição concreta para esclarecer a questão relativa à mediação universal das graças.

85. Onde está a alma profundamente religiosa que não se deixe inflamar por este duplo objectivo, tão belo, e que não se sinta motivada a empenhar por ele todas as suas forças? Oxalá a Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt escolha e utilize muitos filhos e membros da nossa Família para esta nobre tarefa.

86. Contudo, o carácter mariano da nossa Família ainda não se revelou inteiramente. Quando pensamos ou pronunciamos a palavra «Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt», não a vemos só como origem da nossa Família e fim imediato da sua tarefa, mas também como método de pastoral e de formação.

87. Nesta perspectiva, na perfeição do seu ser, Ela é para nós o ponto clássico de intersecção entre a realidade natural e sobrenatural, a encarnação singular da unidade harmónica entre a natureza e a graça e, portanto, representante e garantia de uma ascese e pedagogia orgânicas.

88. Porque lhe reservámos desde sempre este lugar na nossa maneira de pensar, querer e agir, conservámo-nos em todas as coisas em que nos empenhámos próximos de Deus e também das pessoas e



da vida, e, por entre todas as correntes contraditórias, seguimos o nosso caminho com serena e humilde segurança, dentro e fora da Igreja.

89. A nossa Carta Branca inclui um sim renovado e consciente a esta ideia do organismo. Ela obriga-nos a uma entrega sem reservas, não só à Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt, mas também à sua Obra. E a ideia do organismo é um elemento constitutivo essencial da Obra de Schoenstatt. Independentemente deste facto, uma devoção mariana profunda e esclarecida leva, já por si, a uma maneira orgânica de pensar e de agir.

90. Com a Carta Branca, assumimos de novo e mais profundamente a séria e difícil tarefa de ajudar a salvar um bom número de pontos vitais que estão ameaçados no organismo do pensamento cristão. Pensamos, em especial, na relação de tensão entre personalidade e comunidade, na liberdade vinculada e na vinculação plena de alma, na ousadia cristã e na vigorosa autonomia, na atitude serviçal heróica e desprendida de si, no espírito de Imaculada e no sentido da veracidade, na atitude pacificadora e no amor a Deus, em resumo, num novo tipo de homem, no santo da vida diária moderno, tal como Deus o exige manifestamente de nós através da situação actual e o coloca diante dos nossos olhos na pessoa de José Engling.

91. Coloca novamente em primeiro plano as contribuições para o Capital de Graças

92. O que pudemos dizer até agora sobre a consciência de uma missão divina e sobre o carácter mariano da nossa Família encontra a sua concretização e coroação nas nossas contribuições para o Capital de Graças da Mater Ter Admirabilis.

93. Por isso também é compreensível que fossem elas a ser as mais envolvidas nas lutas dos últimos anos. Este facto deu-nos uma ampla oportunidade para examinarmos a sua fundamentação dogmática, a sua importância psicológica e a sua utilidade pedagógica. O resultado foi uma afirmação consciente e uma defesa mais calorosa desta comprovada instituição.

94. Ela marcou o início da nossa história de Schoenstatt, de cada novo Santuário de Schoenstatt e de todo o trabalho fecundo em favor de Schoenstatt. No decurso dos anos tornou-se expressão da entrega total à Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt e à sua Obra, de uma ligação esclarecida e fecunda entre a actividade divina e a actividade humana, de uma fé sobrenatural na missão e de uma profunda atitude mariana, sendo assim critério de avaliação da fiabilidade e aptidão dos membros da Família.

95. Pela Carta Branca devolvemos, como Família total e individualmente, às contribuições para o Capital de Graças da Mater Ter Admirabilis o lugar que elas ocuparam no esforço e na aspiração de José Engling e que devem sempre ocupar segundo as intenções de Deus.

96. Graças a Deus! Assim começamos por nos situar firmemente sobre as bases da nossa tradição e, com um vigor renovado, levamos uma das forças fundamentais no organismo vivo da nossa Família ao encontro de um futuro cheio de crises. É com alegria que o fazemos, porque conhecemos e afirmamos a lei: «Omne regnum iisdem mediis continetur, quibus conditum est.» – Isto é, a florescência de um reino é determinada pela fidelidade às forças fundamentais que lhe deram origem. A nossa Família deve, essencialmente, a sua existência às contribuições para o Capital de Graças da Mater Ter Admirabilis. Deve, por isso, mantê-las inabalavelmente, sobretudo quando tem que superar a prova de fogo. Com elas preserva-se ou decai a Família e a sua fecundidade.

97. Além disso, esperam-nos tempos em que as contribuições para o Capital de Graças da Mater Ter Admirabilis se podem tornar para nós não só o serviço apostólico mariano mais importante e mais eficaz, mas também o único. Para tornar compreensível este facto, recordemos que as contribuições não são mais nem menos do que uma sã, séria e eficaz aspiração à santidade ao serviço do apostolado mariano. O que Lucie Christine diz em relação a determinadas situações de sacerdotes aplica-se a todos nós: «Quando o sacerdote não pode fazer mais nada, resta-lhe uma coisa ainda: ser santo. Muitos corações transviados e espíritos desorientados ficam fechados para as palavras mas não se esquivam à santidade manifesta!»

98. Finalmente, resta recordar que a situação do nosso povo exige de nós, como necessidade imperiosa a todos os níveis, o que o Evangelho designa como conselhos evangélicos e a ascese chama espírito dos votos, isto é, um elevado grau de sobriedade, pureza moral e fidelidade no seguimento, fundados em Deus. Se, no espírito da Carta Branca, levamos as contribuições mais a sério do que até agora, não nos será difícil, através delas, inserir mais profundamente na nossa vida concreta o espírito dos votos e cultivá-lo com grande ardor e coerência. Elas ajudam-nos, deste modo, a tornar fecundas para a nossa aspiração à santidade e para a Obra de Schoenstatt as exigências dos nossos tempos.

99. Que a Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt implore para todos os seus filhos como dom jubilar a recta compreensão das contribuições, do carácter mariano da nossa Família e da sua missão divina.

100. Chegámos ao final da nossa celebração e consagração. Irá ela adquirir no futuro um significado profundo na história da nossa Família? Todos temos a sensação de que parece termos vivido uma segunda fundação. Os fundamentos são exactamente os mesmos que em 1914, só que se tornaram mais sólidos e mais inabaláveis do que então. A Carta Branca constitui uma linha divisória entre duas épocas da nossa história. Representa a conclusão de 25 anos de um crescimento rico em graças, em trabalho e em êxitos. E quer ser o início de um crescimento novo ainda mais profundo. O passado esteve claramente «sob a protecção de Maria». Agradecemos-lo de todo o coração e proclamamos ao mundo, profundamente sensibilizado e com verdadeira humildade: «Nos cum prole pia benedixit Virgo Maria!» – Com o seu querido Filho, a Virgem Maria abençoou-nos. – Acrescentamos, no entanto, ao mesmo tempo, o pedido confiante: «Nos cum prole pia benedicat Virgo Maria!» – Com o seu querido Filho, queira a Virgem Maria abençoar-nos!

101. O futuro será realmente, tal como o esperamos, de acolhimento e fecundidade «sob a protecção de Maria»? «Para mim, é como se Nossa Senhora, neste momento, nos falasse aqui, na antiga capelinha de São Miguel, pela boca do arcanjo» – à semelhança do que aconteceu em 1914 – «não vos preocupeis com a realização do vosso desejo. Ego diligentes me diligo. Eu amo os que me amam.» Este amor tem que se manifestar numa consciência de missão e de vitória mais intensa e mais humilde, num trabalho esforçado no sentido do marcado carácter mariano da nossa Família e em contribuições, esclarecidas e eficazes, para o Capital de Graças. É esta a nossa tarefa.

102. Deixamos tudo o resto a cargo da nossa querida Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt. Avançamos com alegria ao encontro dos tempos futuros, levando o Mater habebit curam nos lábios e no coração.

103. Não faltarão dificuldades. Estamos preparados para elas, mas esperamos poder vencê-las com a graça de Deus, como aconteceu nos 25 anos passados.

104. Durante a guerra de Espanha, os bolchevistas tinham em mira o Santuário nacional mariano em Saragoça. Para ninguém os impedir de atingirem os seus objectivos, pintaram um avião com as cores nacionais. Mais ou menos 10 metros acima da Igreja de Peregrinação foram lançadas três bombas. A primeira pesava 50 kg, caiu perto da Igreja, mas não rebentou. Uma segunda bomba atravessou a torre e partiu-se ao meio. A terceira atingiu o alvo, o coro, mas não explodiu. Peritos que mais tarde examinaram as bombas declararam: Nunca aconteceu tal coisa. As mechas estavam queimadas, o dispositivo funcionava, mas com 32 kg de explosivo não se deu a explosão. É um milagre.

105. Não sabemos quais são as dificuldades concretas que nos esperam. Serão semelhantes às de Saragoça? Ou serão diferentes? No entanto, acreditamos e esperamos com toda a confiança que, segundo o plano da Providência Divina, Nossa Senhora, que em 1914 estabeleceu «aqui de maneira especial o seu trono» para «distribuir os seus tesouros e operar milagres da graça», não nos abandonará desde que nós não A abandonemos e não cessemos de tentar realizar corajosamente a tríplice tarefa acima mencionada.

106. Em 1918 oferecemos-lhe uma placa comemorativa e um memorial em gratidão por todos os benefícios recebidos durante a guerra. Se Ela nos conduzir vitoriosamente através dos novos perigos e, não obstante todos os obstáculos, nos der a possibilidade de realizar a nossa missão, queremos erigir-lhe um novo monumento que anuncie o seu poder e a sua bondade a todas as gerações vindouras. Será a construção de uma Igreja de Peregrinos ou a edificação de uma grande coluna dedicada à MTA? Ou outra coisa?

107. O que quer que escolhamos, será, em última análise, só um símbolo da grande catedral viva de Maria que a nossa Família deve construir no mundo e da qual cada um de nós quer ser e permanecer uma pedra viva.

108. Quando os habitantes de Saragoça ouviram falar do acontecimento milagroso, peregrinaram em grande número ao lugar de graças e cobriram de flores o altar da imagem. Reuniam-se todas as noites para uma grande celebração de acção de graças e de expiação. Dignitários eclesiásticos e civis, professores universitários e o general da divisão: todos percorreram em procissão a cidade, num entusiasmo cheio de alegria e júbilo, e não se cansavam de cantar os louvores de Nossa Senhora do Pilar. Numa dessas ocasiões, o general abriu caminho até junto da imagem, beijou-a com profundo respeito e lançou à multidão um brado conciso, à maneira dos militares: Nomeio agora Nossa Senhora do Pilar comandante-geral das minhas tropas! Depois colocou-lhe ao pescoço a mais alta condecoração que um comandante pode usar. O júbilo do povo parecia não ter fim.

109. Este acontecimento histórico poder-se-á renovar em Schoenstatt, no final da grande catástrofe mundial? E no final dos próximos 25 anos, a Família poderá empenhar-se em favor da canonização de um segundo José Engling? Queira Deus!